

# A relação paradigmática entre individualidade e socialização: o entrelaçamento entre os conceitos de moda, modernidade e liberdade no pensamento de Georg Simmel<sup>1</sup>

*The paradigmatic relation between individuality and socialization: the interlace of the concepts of fashion, modernity and freedom in the thought of Georg Simmel*

**Wanderson Barbosa dos Santos\*<sup>1</sup>**

**Palavras-chave:**

Moda;  
Diferenciação social;  
Liberdade;  
Modernidade.

**Resumo:** No ensaio, analiso a herança intelectual simmeliana abordando o tema da moda, da diferenciação social e da ideia de liberdade na modernidade. Nesse sentido, o objetivo é examinar como a categoria diferenciação social apresenta-se como um modelo sociológico para a compreensão dos fenômenos sociais, trabalhando e retrabalhando os conceitos de imitação e adesão a grupos sociais como duas polaridades permanentes na adoção da moda. Por essa via, pretende-se circunscrever de acordo com a proposta simmeliana, a dualidade entre individualismo e pertencimento de grupo para identificar as nuances da atitude de adesão à moda. Por fim, discuto a questão da intensificação do ritmo da moda na modernidade capitalista e os desdobramentos no conceito de liberdade, assinalando e problematizando a aproximação entre o impulso do individualismo e sua absorção na economia capitalista. Assim, procuro mostrar como o conceito de liberdade na modernidade se expressa de modo paradigmático para o campo da sociologia.

**Keywords:**

*Fashion;*  
*Social differentiation;*  
*Freedom;*  
*Modernity.*

**Abstract:** *In this essay I analyze the simmelian intellectual heritage by addressing the theme of fashion, social differentiation and the idea of freedom in modernity. In this sense, the objective is to examine how the category of social differentiation presents itself as a sociological model for the understanding of social phenomena, working and reworking the*

---

<sup>1</sup> Recebido em 31/03/2019. Aceito em 05/06/2019.

\*<sup>1</sup> Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: wanderson\_santos@outlook.com.

*concepts of imitation and adhesion to social groups as two permanent polarities in the adoption of fashion. In this way, it is intended to circumscribe, according to the simmelian proposal, the duality between individualism and group belonging to identify the nuances of the attitude of adherence to fashion. Finally, I discuss the intensification of the rhythm of fashion in capitalist modernity and the unfolding of the concept of freedom, highlighting and problematizing the approximation between the impulse of individualism and its absorption in the capitalist economy. Thus, I try to show how the concept of freedom in modernity expresses itself paradigmatically in the field of sociology.*

### **Individualização e pertencimento de grupo: dualidade perene**

**N**ão deve ter escapado, a nenhum observador atento, a experiência singular das transformações históricas e sociais ocorridas na transição entre o século XVIII e XIX no que foi amplamente caracterizado como a emergência da modernidade; o diagnóstico das transformações históricas desse período arrolam algumas das seguintes características: a autonomização das esferas, a intensificação da moda, o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, o florescimento de novas sociabilidades e individualidades e a promessa do esclarecimento. No entanto, de forma ambígua, aquilo que chamamos de modernidade enreda-se como um fenômeno histórico expondo as contradições de uma totalidade concreta em que a racionalidade, ao mesmo tempo em que emancipa o indivíduo, também o torna um ser dominado e fragmentado. Na sociedade preenchida pelo otimismo da *belle époque*, os símbolos de distinção dos estamentos tradicionais passam a concorrer com uma nova gramática, dessa vez, a da sociedade burguesa capitalista. O indivíduo, órfão dos laços da família ou do estamento, passa a concorrer num mundo em que sua existência como ser social encontra-se estilhaçada num espaço em constante orientação para a produção do efêmero. Num cenário de intensificação da produção, as marcas de distinção, caracterizadas pelas modas de classe, corporificaram o desejo pelo cultivo de uma maior individualização, nesse sentido, apoiam o impulso modernizante de cultivo da subjetividade. Por outro lado, como parte de um processo, essencialmente, dual, as modas que, de certa maneira, prometiam a diferenciação social, também, asseguravam ao indivíduo um conforto de pertencimento a um determinado grupo ou classe. Sob o prisma da dialética entre a individualização e adesão aos grupos, Georg Simmel (1858-1918), investigou os contornos do impulso humano que adere à moda. Neste ensaio, procuramos analisar as linhas gerais da proposta simmeliana de uma sociologia da moda, observando, especialmente, as reflexões que contribuem para uma análise sociológica do problema da

diferenciação social. A esse respeito, podemos notar que, há uma verdadeira afinidade temática entre o estudo da diferenciação social e a análise da sociedade moderna capitalista.

Visto isto, neste trabalho abordaremos uma parte do problema através da análise da moda, todavia, esta parte, como veremos, conecta-se ao todo, na medida em que o diagnóstico dos desdobramentos de uma sociologia da moda nos conduz a uma reflexão mais abrangente sobre os caminhos da individualização na modernidade.

A questão da diferenciação social esteve presente em um grande número de ensaios de Simmel (1905; 2004; 2006; 2014). Ao pensar a questão sob o ponto de vista sociológico e filosófico, ele sugeriu uma tensão permanente sintetizada na dualidade entre cultivo de uma personalidade, isto é, tendência para individualização e, por outro lado, a conexão com grupos sociais ou classes. Naturalmente, como representante da sociologia e da filosofia alemãs, Simmel orientou sua interpretação tomando como momento histórico central a transição entre as sociedades tradicionais e as sociedades modernas. Notadamente, outros autores abordaram o tema da moda e suas implicações sociais e filosóficas, como foi o caso de Bourdieu (2003), que analisa o problema sob o ponto de vista da formatação do campo da moda que propicia a criação de regras internas e acentua a disputa contínua no interior do campo; por outro lado, Lipovetsky (2009) propõe uma leitura que assinala a gênese de um sistema enfático de celebração e difusão da moda nas sociedades modernas ocidentais. Em ambos os autores, podemos observar alguma medida de influência simmeliana, nesse sentido, nos aprofundaremos nos conteúdos teóricos do autor destacando seu trânsito entre níveis sociais postos por socializações e subjetivações em consequência da individualização moderna capitalista.

Eis aí o momento em que as preocupações com o tema de uma sociologia da moda se entrecruzam com as reflexões centrais a respeito dos aspectos sociais da economia monetária e o papel preponderante da concepção de liberdade na modernidade. Há certamente um vínculo nas coisas. Na obra *Filosofia do dinheiro* (2004), Simmel demonstra o impacto da economia monetária na formação de estilos de vida, assim, a tendência à racionalização e ao domínio do intelecto na modernidade levaria os indivíduos a cultivarem sociabilidades sem colorido, em contrapartida, o dinheiro garantiria a permanência de relações sociais, na medida que, se converte em mediador universal da atividade humana (SIMMEL, 2004). Em outra dimensão, dessa vez, no ensaio *O nível social e o nível individual* (2004), o autor aduz que o indivíduo visto como transitório, tanto sob o ponto de vista biológico quanto do ponto de vista sociológico, investe em grupos sociais para garantir, mesmo que de forma

momentânea, a sensação de infinitude. Assim, é muito significativo que, para ele, o grupo conceda conforto psicológico numa ideia de legitimidade e que, por outro lado, garanta também a sensação de individualização marcada, essencialmente, na oposição entre grupos sociais. Dessas observações, Simmel destaca a tragédia da sociologia: na medida em que compõe grupos sociais, o indivíduo abre mão de parte de sua cultura subjetiva para tornar-se um indivíduo que forma uma massa (SIMMEL, 2006).

Portanto, convém assinalar que a análise da moda em Simmel adquire os contornos e desdobramentos das reflexões que se expressam no palco da sua concepção de modernidade: uma sociedade racionalizada, orientada pela economia monetária e que se emancipa de signos e sociabilidades pertencentes à sociedade do século XVIII. O indivíduo, assim, foi visto em sua tendência de emancipação das amarras dos estamentos. Encontra na sociedade mediada pelo dinheiro uma nova forma de liberdade que, por sua vez, o diferencia não mais a partir de uma cultura subjetiva construída por meio das sociabilidades em pequenos grupos, agora, vale mais, a expressão da individualidade através de símbolos de pertencimento, a exemplo, da moda.

Supomos, sobretudo, que a necessidade de cultivo de aspectos da individualidade e de uma cultura subjetiva perpassam, necessariamente, os processos de expressão e representação em sociedade; por este motivo, o destaque conferido neste ensaio à temática da moda manifesta a dimensão psicológica e sociológica da tensão na aproximação de grupos e diferenciação. Desse modo, adornos, adereços, comportamentos, ornamentos, expressões corporais, roupas, fazem parte de toda uma gramática de posicionamento individual, elas representam ao indivíduo uma espécie de assinatura no mundo. Corpo e vestimenta se aproximam simbioticamente na formação de um ser duplo que tanto se reconhece na subjetividade quanto nas diferentes formas de sociabilidade. O impacto da cultura de massa, a uniformização e a padronização de cadeias produtivas e o desejo de ser sentir "incluído" ou pertencente, parece não ter afastado do indivíduo o interesse primordial do ser em sociedade, de criar-se através de símbolos. A capacidade da moda de desenvolver-se de forma dual, ora como unidade de síntese de tendências, ora como expressão de individualidade, transpõe-se num terreno fértil para o cultivo criativo de subjetividade. Desse modo, a moda mostra-se como fragmento objetivo da realidade essencial para analisar a relação entre indivíduo e sociedade, sobretudo, do ponto de vista sociológico.

Este ensaio que, de certa forma, visa dar continuidade a outra discussão a respeito do tema da moda e diferenciação social, propõe evocar novos elementos de observação social para sugerir alguns novos contornos do

conceito de diferença entre indivíduo e grupo social na obra de Georg Simmel<sup>2</sup>. Em princípio, no campo sociológico, a questão da diferenciação social foi abordada sob o viés do pertencimento de classe, a partir da obtenção de símbolos de distinção social e na razão de um conflito entre corporações, tipos sociais, grupos e instituições. Como afirmamos até aqui, Simmel assinala todas essas dimensões ao afirmar que a diferenciação social por meio da moda sempre se confirma como uma expressão da luta de classes sociais na busca por afirmação, pertencimento, diferenciação e na oposição entre grupos estruturados a partir da negociação simbólica entre signos e representações sociais. O prestígio individual e social, tomando como base essa tradição sociológica, se encontra fundamentada nos jogos simbólicos da modernidade.

Pode-se dizer que a experiência psicológica reconhece o papel da moda como elemento de realização da autoestima humana. Aqui, pensamos, sobretudo na atribuição ornamental das roupas que, para além de cumprirem a função de propiciar conforto e proteção ao ser humano, em sociedade, passam a representar e simbolizar práticas, rituais e busca pelo sublime no vestir-se bem. Outrossim, cumprem, na civilização moderna, objetivos simbólicos que alicerçam um cultivo de individualidade e também de coletividades, ou seja, nas roupas são transmitidas informações, culturalmente situadas, de status e de diferenciações sociais. Na modernidade, os símbolos se multiplicam acompanhando o desenvolvimento do capitalismo industrial e sua cultura de consumo e, conjuntamente a essa constatação, as tendências de autonomização do indivíduo de suas ligações com os estamentos e grupos primários se intensificam. Ao que parece, isso não quer dizer que o uso de vestimentas tenha perdido ao longo desse processo a sua importância para a consolidação das personalidades, ao contrário, a aparente padronização do mercado *fast fashion* se mostra como uma faceta de um processo dual que tanto desune quanto conecta<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Refiro-me ao ensaio publicado na Revista Textos Graduados no ano de 2017 com o título *A sociologia da moda de Georg Simmel: indivíduo, massa e diferenciação social*. Naquela oportunidade, argumentei, tomando como pressuposto a teoria simmeliana da moda, as contradições e as características de conflitos no "mundo da moda", tomando como objeto empírico a formação e as consequências do fenômeno conhecido como "rolezinho". O mote central do ensaio era a relação de dualidade presente entre o indivíduo e massa, isto é, a contradição entre a pulsão por sentir-se integrado e o desejo, concomitante, pela distinção. Retomo brevemente algumas teses defendidas no ensaio supracitado, porém, objetivando expandir e sofisticar uma leitura da relação dos indivíduos com a moda na modernidade.

<sup>3</sup> O estudo de Gilles Lipovetsky (2009) intitulado *O império do efêmero* conduz-nos ao reconhecimento histórico do processo de intensificação da moda no Ocidente, sobretudo, em sua fase inicial entre os séculos XIV e XIX, até a radicalização na contemporaneidade. O autor defende que, a partir daquele momento, a moda, processualmente, configura-se como um sistema contínuo que cadencia a novidade. Em alguma medida, Lipovetsky reforça o diagnóstico simmeliano da condição inequívoca da moda como fenômeno moderno oriundo de longas transformações históricas. Nesta leitura, a civilização do Ocidente

Atribui-se o efeito confortante ao uso da moda, antes de tudo, pelo fato dela inserir e sinalizar pertencimento ao indivíduo isolado num conjunto previamente ordenado de outros seres humanos. Por um lado, essa junção da partícula com o todo permite, além do mais, o amparo reconfortante de estar habituado à norma e alinhado a um grupo social. A análise abstrata do fenômeno permite uma fácil associação com a realidade empírica, no entanto, vamos descrever com uma imagem apresentada já nas primeiras páginas da obra prima de Stendhal, intitulada *A cartuxa de Parma* (1838).

Stendhal captou a característica psicossociológica da moda ao longo da primeira cena do romance de cavalaria, quando os oficiais franceses de Bonaparte entram em Milão e precisam se alojar no reino Lombardo que, na oportunidade, são recebidos na casa dos estamentos mais distintos da sociedade. Exaustos e totalmente imundos por conta dos intensos dias de batalha, um de seus oficiais chamado Tenente Robert é convidado para um jantar com a Marquesa Del Dongo. O narrador descreve-nos o seguinte embate psicológico que envolve a personagem:

Esse oficial, jovem recruta muito lépido, possuía como único bem, ao entrar naquele palácio, um escudo de seis francos que acabava de receber em Piacenza. Depois da passagem pela ponte de Lodi, pegou de um belo oficial austríaco morto por bala de canhão umas magníficas calças de nanquim novas em folha, e nunca uma roupa veio mais a calhar. Suas dragonas de oficial eram de lã, e o tecido do forro das mangas da túnica estava costurado para que os pedaços se mantivessem unidos; mas havia uma circunstância mais triste: as solas de seus sapatos eram de pedaços de chapéu igualmente capturado no campo de batalha, mais para lá da ponte de Lodi. Essas solas improvisadas estavam presas na parte de cima dos sapatos por barbantes bem visíveis, de modo que, quando o mordomo da casa se apresentou no quarto do tenente Robert para convidá-lo a jantar com a senhora marquesa, este caiu num constrangimento mortal. (STENDHAL, 2012, p. 34).

Notem que, na última sentença da citação, o autor evoca o sentimento de constrangimento, este, resultado do descompasso entre a etiqueta do ambiente e a apresentação do estrangeiro<sup>4</sup>. No sentido mais estrito, a vergonha que

---

propiciou as bases sociais para o florescimento desse sistema de diferenciação simbólica, disputando, em seus primórdios, com a regulação da vestimenta pela tradição. Como conexão entre os autores, basta lembrar a observação de Simmel a respeito da liberdade moderna frente ao engessamento do estamento e a análise histórica de Lipovestky a respeito do caráter radical da moda e seu desejo de emancipação do passado.

<sup>4</sup> Há relatos biográficos que sugerem que o próprio Stendhal era um homem bastante vaidoso tendo especial atenção a forma como era visto socialmente. Assim, o fato de ter dado uma centralidade especial logo nas primeiras páginas de seu romance ao papel do desconforto e do constrangimento oriundo do descompasso da moda, a princípio, deve ter

persegue a personagem, mais do que tudo, resulta da percepção de que a inclusão efetiva somente pode ser celebrada entre iguais e, na situação da sociedade de classes (apresentada de forma sugestiva por Stendhal), somente pode existir quando há o compartilhamento de signos entre eles, ou seja, uma moda que sintetize uma etiqueta. Simmel (1905) evoca a ideia de sentimento e vergonha [*Schamgefühl*] para aludir ao embate psicológico do indivíduo que se posiciona numa situação de descompasso social. Nessa situação, o desconcerto causado pela diferença fundamenta sentimentos de caráter aversivo ao ambiente social, tanto em sua expressão de acanhamento excessivo quanto no próprio ultraje da vergonha.

Portanto, a dualidade entre individualização e pertencimento circulam como movimentos que possuem desdobramentos psicológicos e sociológicos. As análises teóricas e empíricas que se voltam para apenas uma dessas dimensões incorrem no risco de perderem os aspectos interiores da tensão permanente entre indivíduo e sociedade. Tensão que reflete a interdependência entre a dimensão individual e a dimensão coletiva. Simmel enfatiza a dimensão esquecida da interioridade da ação de adesão à moda. Mostraremos, na próxima seção, os contornos da sociologia da moda simmeliana assinalando, especialmente, os atributos internos e externos presentes na equação de composição da moda. À luz das próximas observações, o leitor notará como a reflexão sobre a moda na sociedade contemporânea, como objeto empírico e teórico de reflexão, desvela o espírito de um tempo orientado para a superação de tudo que outrora mostrou-se permanente, em outras palavras, a moda no capitalismo hodierno se alimenta de uma dimensão industrial do consumo do momentâneo que, sem passado nem futuro, fortifica-se na sustentação ideológica do inacabável hoje.

### **Moda e modernidade**

A relação entre moda e modernidade alimenta-se do diagnóstico, difundido nos autores clássicos da ciência sociológica, da intensificação de impulsos para a individualização que, de certa maneira, deriva das consequências do desacoplamento do ser da sua razão de grupo e, entre outros resultados, tem a expectativa socialmente difundida de uma crescente liberdade de ação social. Ao que parece, onde antes imperava as disposições da família, do clã ou da comunidade, num contexto de modernidade, os símbolos recaem para os desejos de assinaturas individuais, isto é, subjetivas. Como estamos

---

partido de suas experiências enquanto viajante entre a civilização francesa e a italiana. Consideremos outra passagem que contribui com o entendimento desse aspecto psicossociológico da importância da moda: "Eu observava de soslaio todos aqueles olhares estúpidos fixados na minha roupa, e talvez também nos meus sapatos, o que me trespassava o coração." (STENDHAL, 2012, p. 35).

argumentando a respeito do amplo conceito de modernidade, vale recorrer a um de seus mais aguçados observadores: Charles Baudelaire. Em seu ensaio *O pintor da vida moderna*, Baudelaire define esse momento da história humana da seguinte maneira: "A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável." (BAUDELAIRE, 2010, p. 35). Com o crescimento do capitalismo industrial, o reino da transitoriedade induz a moda para dois movimentos básicos: 1) primeiramente, há um impulso de estandardização dos estilos; 2) em segundo lugar, a promoção de uma pulsão pela intensificação da produção. O mecanismo que gerou tanto a padronização quanto a intensificação da produção da moda, evidentemente, leva o indivíduo a uma tensão permanente, dessa vez, manifesta na dualidade entre um ser para si ou um ser para o grupo. Na modernidade, a ideia de novo passa a ser reeditada para contemplar apenas o momento, ou seja, o que nasce somente se configura como novo em sua existência efêmera. Assim, a moda incorpora o espírito de uma novidade transitória pressionando o indivíduo para as cadeias de consumo da diferença. Simmel (1905) observa que, da evolução desses modelos de relações sociais na modernidade, resulta a constituição de uma subjetividade ramificada que, tanto luta contra a padronização social quanto também encontra conforto na acomodação de grupo. Para Simmel, o fenômeno da moda ressalta o homem como um ser dualista [*Denn der Mensch ist eine dualistisches Wesen*] (SIMMEL, 1905, p. 5).

O curso e o ritmo da mudança ocasionam diversos níveis de tensões na sociedade. O indivíduo, como parte da constelação social, encara novos impulsos, amparado por sua condição de grupo ou por sua força interior. Abordemos, primeiramente, o impulso inicial de imitação. Em Simmel, a ideia de imitação é mais bem expressa a partir da ideia de impulso, ou melhor, como uma "tendência psicológica a imitação"<sup>5</sup> [*psychologischen Tendenz zur Nachahmung*] (SIMMEL, 1905, p. 7). A tendência a imitação coloca-se na dimensão que identificamos nem do entendido como racional e nem como do irracional, na medida em que não há, essencialmente, a necessidade de realização de interrogações ou reflexões anteriores para sua realização<sup>6</sup>. Simmel

---

<sup>5</sup> A ideia de tendência psicológica à imitação nos escritos de Simmel pode ser encontrada a partir de outra formulação do autor. No ensaio supracitado sobre a moda, Simmel também destaca a ideia de impulso/instinto à imitação [*Nachahmungstrieb*], no sentido correlato ao princípio ou à tendência à imitação na moda.

<sup>6</sup> Na perspectiva adotada por Simmel, a imitação resguardaria, em alguma medida, o indivíduo do peso da escolha. No entanto, Simmel não alimenta um determinismo imitativo, pois a imitação funciona como um modo de ação entre uma miríade de outros. No ensaio sobre filosofia da moda, para exemplificar este ponto, o autor destaca como figuras opostas: de um lado o imitador [*Nachahmenden*] e, por outro lado, o homem teleológico [*teleologische Mensch*]. O imitador limitaria sua ação para um acompanhamento de grupo ou da moda, por sua vez, a imagem do homem teleológico, para Simmel, indica um indivíduo



defende que a imitação renuncia ao “esforço criativo” e, por esse motivo, concede ao indivíduo o amparo do grupo para a ação individual. De todo modo, a imitação possui uma carga dual, a saber:

Para moda é essencial nesse contexto o seguinte: ela satisfaz, por um lado, a necessidade de apoio social, na medida que é imitação; ela conduz o indivíduo as trilhas que todos seguem. Ela satisfaz, por outro lado, a necessidade da diferença, a tendência à diferenciação, a mudança, à distinção, e, na verdade, tanto no sentido da mudança de seu conteúdo, o qual confere um caráter peculiar à moda de hoje em contraposição à moda de ontem e à de amanhã, quanto no sentido de que modas são sempre modas de classe. (SIMMEL, 2014, pp. 160-161).

Mas, embora como sinal de adesão e incorporação ao grupo, a imitação carrega em si a própria dualidade para qual aponta a sua essência. Ela, ao mesmo tempo em que torna uniforme, também distingue, uma vez que, no caso em que a imitação se realiza como norma de grupo e contribui para a aderência à moda, ela se realiza como uma moda de classe social. Ou seja, a adoção da moda fornece os elementos de diferenciação não apenas no nível individual, mas, sobretudo, no nível da oposição entre grupos e, na modernidade, na diferenciação entre classes sociais. O acento à condição da moda como um fenômeno de classes leva-nos a interrogar sobre sua qualidade de distintivo social. Até então, como defendemos aqui, a moda, concede ao indivíduo uma assinatura particularizada em sociedade. No entanto, se aceitarmos as considerações de Simmel sobre o tema, temos que levar em conta uma outra face da questão da aderência à moda, isto é, sua condição de unidade de grupo.

De modo geral, o comportamento descrito dirige-se como uma tendência para o social [*Tendenz nach sozialer*] (SIMMEL, 1905). O desejo de ligação à sociedade garante ao indivíduo o conforto do pertencimento ao grupo. O processo garante algo similar à imitação: respaldo para ação individual. No entanto, no caso da dimensão social do fenômeno, o indivíduo passa a não mais ordenar sua individualidade como no contexto da imitação pura, na sua ligação ao grupo social, vale mais uma adequação aos signos que alicerçam a unidade do grupo. Simmel enfatiza a questão do pertencimento e a sua natureza de oposição entre o eu e o outro na moda, a saber:

---

com tendências para a mudança. Muitos dos fenômenos humanos seguem a imitação como sinal de um procedimento instalado na tradição ou na norma social, porém, como a sociedade mostra-se como uma ampla conexão de redes de sociabilidade dinâmicas, uma possibilidade de mudança fica à responsabilidade de indivíduos e grupos que se colocam na vanguarda da modificação dos valores.

Do ponto de vista sociológico ela é, como mencionado, um produto da separação de classe, da mesma forma como a honra era originalmente honra estamental, ou seja, retirava seu caráter e, acima de tudo, seus direitos éticos do elemento estamental, de forma que o indivíduo na sua honra representava e protegia seu círculo social e seu estamento. (SIMMEL, 2014, p. 161).

A diferenciação entre as classes sociais através da moda na modernidade, observada do ponto de vista simmeliano, é o resultado prático dos diversos processos de diferenciação social humana. Neste ponto, a ideia de moda ganha uma amplitude maior ao também indicar inclinações no que diz respeito ao comportamento e ao gosto. Os estilos de vida na modernidade obtêm o contorno duplicado: se por um lado atendem a desejos de um cultivo da individualidade, por outro lado, também auferem a diferenciação social por meio da classe social.

Com efeito, na moda, as tensões referentes à padronização e ao rebaixamento do indivíduo são suspensas, ao passo que ela configura um sistema de símbolos de diferenciação de classes sociais. Como deixa evidente a hipótese de adequação do indivíduo à massa, ele o faz, essencialmente, numa inclinação, mais ou menos forte, com a expectativa de amparo e conforto de um grupo, no entanto, ao incorporar à sua ética individualista um sinal de "adequação" ao grupo recai em outra dimensão, desta vez, na dimensão em que o grupo funciona como sinal de oposição. O que antes poderia ser sintetizado na razão do *eu* em contraste com o *outro*, enquanto um indivíduo no grupo, começa, então, a ser sinalizado na oposição entre nós e outros.

Isto posto, no nível mais alto de abstração, a estrutura sociológica da moda em muito reflete uma razão de organização de grupos sociais. Os grupos humanos que se distinguem através da moda, em outros casos, operam diferenciações a partir de outras assinaturas nas diversas formas de socializações. Simmel (1905; 2014) sugere que o paradoxo da relação entre indivíduo e grupo, no caso da moda, se caracteriza na medida em que a orientação classista do fenômeno orienta a ação individual. Não apenas auxilia o indivíduo na escolha da roupa que deve vestir, a moda de classe, transmite uma postura estética do indivíduo perante sua vida que pode ser vista a partir da ampla ideia de comportamento. Neste ponto, a contribuição simmeliana, direciona-nos ao estudo do comportamento, visto que, é ele que manifesta as razões individualistas, mas, especialmente, as grupais, situadas num tempo e espaço. A análise do comportamento individualista indica entendimentos gerais sobre grupos sociais.

A moda torna-se, dessa forma, a arena por excelência dos indivíduos, os quais não são autônomos no seu íntimo e no seu conteúdo pessoal

e necessitam da aprovação social, ao mesmo tempo que sua auto-estima exige distinção, atenção e o sentimento de ser algo especial. Ela eleva de certo modo também o insignificante, na medida em que o faz representante de um coletivo, sentindo-se portador de um espírito geral. (SIMMEL, 2014, p. 163).

Assim, se passarmos ao lado oposto da equação, isto é, olharmos mais detidamente ao sentimento de aprovação e pertencimento do indivíduo ao grupo, poderemos entender a moda como um fenômeno de estresse entre grupos sociais. Na sociologia simmeliana a moda entra num complexo conjunto de elementos que estão em disputa entre as classes sociais. A moda, como assinatura de grupo, ajusta-se como algo a ser adquirido e incorporado como signo de diferenciação social. Se antes, o indivíduo a adquire e se adequa a ela, na composição do grupo, ela transmite um sinal de pertencimento em oposição aos outros. Ao mesmo tempo, em nível de grupo, as determinações e escolha do estilo passam a ser de responsabilidade de uma razão socialmente situada e alimentada por uma constelação de sentimentos coletivos que é impermeável aos desejos individualistas de seus membros, em sociedade, distribuem-se signos *in potentia*; no entanto, a sensibilidade individual também possui sua importância, visto que, é ela que orienta a aproximação com esses símbolos de cultura<sup>7</sup>. Simmel indica que o conteúdo de disputa da moda entre as classes exemplifica sua natureza dinâmica, de modo que a moda nunca se estabiliza num estilo como sendo eterno. Assim como na modernidade, a moda também se caracteriza pelo caráter transitório.

De acordo com Simmel (2014), são os estratos médios da sociedade que sustentam o movimento eterno de renovação da moda. São esses grupos que incorporam os símbolos dos estamentos superiores e, em contrapartida de diferenciação social, observam as classes mais elevadas introduzindo novas assinaturas para, novamente, se distinguirem dos estamentos inferiores. O

---

<sup>7</sup> Simmel (2006) aduz que na integração do indivíduo ao grupo perde-se o lastro subjetivo da escolha individual, visto que, como um atributo das massas, está o fato delas não hesitarem na ação, tendo, essencialmente, um comportamento esperado a ser compartilhado por seus integrantes. Do ponto de vista simmeliano, uma das tragédias da sociologia, é o rebaixamento do indivíduo ao aderir ao grupo ou à massa. Simmel vê, como esperança do individualismo, a possibilidade de cultivo; no entanto, no caso da massa, por conta de sua característica de aglomeração de subjetividades, a possibilidade de uma sofisticação passaria pelo cultivo de todas as subjetividades presentes como forma de elevação do nível total. Este ponto de vista reflete uma crítica às massas, especialmente, pela facilidade de manipulação das mesmas. Simmel criticava o simplismo do ser humano ao aderir às massas e via no rebaixamento da capacidade de discernimento em grupo um problema a ser enfrentado desde o século XIX na modernidade. Diz o autor: "Por esse motivo, qualquer pessoa que tenha pretendido agir sobre as massas sempre conseguiu fazer isso apelando para os sentimentos, e muito raramente lançando mão da discussão teórica articulada. E isso vale sobretudo para massas aglomeradas dentro de um espaço determinado." (SIMMEL, 2006, p. 52).

exemplo da classe média, sobretudo, indica uma estrutura do fenômeno como um todo, tendo em vista que o jogo de aquisição e rejeição de símbolos da moda acontece nas diversas classes da sociedade. No entanto, Simmel sugere que, no caso das classes médias, elas são privilegiadas pela possibilidade econômica de alcance de símbolos pertencentes às classes mais abastadas. Simmel (1905) argumenta que as classes médias adotam um ritmo diferente em relação à moda, sendo, para elas, essencial um comportamento para a distinção das classes mais baixas e uma pulsão de adequação as classes mais elevadas. O ritmo deste movimento descrito, tomando como referência o modo de produção capitalista, intensifica ainda mais o aparecimento de “novas modas”. A esfera da produção passa a ser influenciada pelo ritmo da mudança social incentivado pelo desejo da diferenciação social. Com a ideia de “novo” totalmente vinculado ao trânsito do breve, a tendência crescente da individualização moderna promete criar fenômenos de moda sugestivamente passadiços e findáveis.

O que se pode entender disso é, portanto, que a intensificação produtiva aliada ao novo ritmo da criação da moda faz com que os indivíduos se sintam na necessidade de ajustamento a esse movimento. Declinar a incorporação de novos signos de moda, assim, quer dizer abandonar o apoio e o acolhimento do grupo. O equilíbrio é encontrado quando há sincronismo entre o ritmo da produção e o do consumo de novos símbolos de diferenciação social. Com efeito, neste momento, observamos um retorno do nível coletivo para o nível individual, visto que, em Simmel ambas as dimensões se encontram em interdependência: posto que o indivíduo transforma a sociedade e a sociedade transforma o indivíduo.

O movimento impositivo da moda na sociedade capitalista moderna acarretou, segundo Simmel (1905), um abalo à própria concepção de liberdade, visto que, “A mudança frequente da moda é uma enorme escravidão do indivíduo” [*Der häufige Wechsel der mode ist eine ungeheure Knechtung des Individuums*] (SIMMEL, 1905, p. 34). A “mudança frequente”, assinalada por Simmel, leva ao indivíduo a pressão para perseguição da nova moda, ou seja, a esfera da produção impõe, para além de um ritmo de consumo, a necessidade por estar alinhado com a nova tendência. Vemos aqui o casamento entre a economia moderna e a ideologia da diferenciação social que, tendo como descendente a moda, promete comercialização da individualidade através de símbolos que aparecem e reaparecem num piscar de olhos. O momento que se concretiza no fugaz é administrado pela lógica da economia em que pílulas de diferenciação social são vendidas em embalagens de roupas de *griffe*. De modo contraditório ao desejo da plena individualização, a sociedade moderna também aprisiona, na medida em que a autonomia individual exige a interdependência

com dimensões estruturais da sociedade. Por esse motivo, para Simmel (2004), a liberdade sempre aparece com o sinal de relatividade.

A questão da liberdade foi particularmente importante ao autor, notadamente, por compreendê-la como uma disposição de possibilidades de escolhas dentro de uma série de caminhos praticáveis. Simmel (2014) observa que a partir do século XVIII a ideia de liberdade, como um valor social, passa a ganhar mais força, influenciada, profundamente, pela tendência ao florescimento do individualismo. É preciso perceber, que no caso da compreensão da moda, o detalhe da liberdade é fundamental, uma vez que é na primazia da liberdade individual que o indivíduo busca a distinção como forma de diferenciação social. Diz Simmel a respeito da libertação do indivíduo do grupo e o impulso à distinção individual:

Depois da libertação principal do indivíduo das correntes enferrujadas da corporação, do estamento por nascimento e da igreja, o movimento segue mais adiante, no sentido de que os indivíduos tornados autônomos querem agora distinguir-se entre si. O importante aqui não é mais o indivíduo livre como tal, mas que este é, precisamente, aquele único e distinto. (SIMMEL, 2014, p. 112).

As palavras de Simmel refletem um diagnóstico de um outro aspecto da individualização social, isto é, o desamparo dos laços sociais da família, estamento, da igreja ou da corporação. Este indivíduo, solitário por excelência, busca em suas escolhas a integração na modernidade com grupos ligados à classe social. A moda dilui a indiferença do indivíduo solitário na medida em que o integra a uma determinada classe social e estilo de vida. A liberdade na modernidade, em si e por si, é tomada pelo indivíduo como uma dádiva, tendo em vista que, promove a autonomia individual, mas, por outro lado, desampara-o dos laços sociais.

Em vista disso, as raízes do sentimento de acolhimento da moda encontram-se num desenvolvimento mais abrangente da individualidade na modernidade. A moda, ao ser a síntese da dualidade indivíduo e grupo, concede os elementos tanto para a diferenciação social quanto o pertencimento ao grupo. Não obstante, inserido num contexto em que o individualismo se torna um valor, pressões da ordem do ritmo da produção e da mudança infundável dos símbolos de diferenciação social fazem com que a concepção de liberdade individual passe a disputar forças com fenômenos de ordem social. Disputas de forças que ocorrem na dualidade que caracterizamos nesse ensaio a partir do exemplo da moda, entre a necessidade de diferenciação e o desejo pelo amparo coletivo. As considerações sobre uma liberdade que se coloca em disputa sinalizam as condições contraditórias das reivindicações essencialmente individualizantes dos modernos. Na contramão, o modo de produção capitalista

reitera ritmos de consumo e intensificação de novas tendências. Pressionado como sujeito que se realiza somente no consumo, a moda sintetiza a conformação contraditória da liberdade moderna: desacorrendo do vínculo tradicional para submeter ao movimento do capital.

A tendência apontada a um constante acréscimo do individualismo moderno tem suas raízes nos impulsos de diferenciação social. Simmel (1905; 2014) sugere que no contexto da economia moderna capitalista a força para a distinção individual encontra seu refúgio na segmentação social através do uso da moda. Como sinal de diferença social, a moda de classe, ao mesmo tempo que indica uma assinatura do indivíduo a determinado setor da sociedade, também representa o espírito de uma sociedade do consumo, visto que a busca pela individualização somente existe através da aquisição da “novidade” manifesta na corporificação da mercadoria.

### **Liberdade como paradigma na modernidade**

Situamos a proposta simmeliana sobre análise da moda como modelo para a compreensão do fenômeno da diferenciação social na modernidade capitalista. Traduzida para uma gramática de individualização e pertencimento de grupo, a moda opera numa dualidade perene, uma vez que alimenta, por um lado, as expectativas de distinção social através da estilização subjetiva, por outro lado, ela também alicerça signos comuns entre os indivíduos que contribui para arregimentar a coesão de grupos sociais. Além do mais, a respeito da moda, Simmel (1905; 2014) informa-nos de sua expressão na modernidade como elemento de diferenciação entre as classes sociais, sendo, nesse sentido, a moda um fenômeno essencialmente de classe social. Ao mesmo tempo em que se configura em uma função de distanciamento entre as classes sociais, a moda no capitalismo, pressiona o indivíduo para uma cultura do consumo que, entre diversas consequências práticas, abala sua liberdade, dado que, para poder se subjetivar e tomar consciência de parte de um grupo precisa acompanhar o ritmo da produção expresso no consumo da moda. A intensificação da produção transfere o ritmo da máquina para a vida psicológica e sociológica dos indivíduos. As vanguardas, cada vez mais efêmeras, indicam o ritmo do passageiro na moda, lembrando Baudelaire (2010) e sua caracterização do moderno como uma espécie de reino do transitório.

À guisa de conclusão, consideraremos o problema do abalo da liberdade na modernidade. Paradoxalmente, a modernidade entra numa oposição à sociedade dominada pelo tradicionalismo com implicações no comportamento humano e no sustento de um hábito. Como Simmel nos lembra, os estamentos tradicionais “amparavam” o indivíduo ao passo em que limitavam a subjetividade de uma escolha à orientação coletiva. Num sentido moderno,

como apresentamos neste ensaio, o indivíduo dispõe de um maior nível de liberdade, sendo possível uma dedicação maior ao implemento da novidade, sobretudo, na moda. Com efeito, essa leitura sobre a liberdade, recorrente nos observadores do impacto da modernidade capitalista na vida cotidiana dos indivíduos, parece-nos indicar apenas uma dimensão da questão. Há, por outro lado, o aviltamento da liberdade que se processa de forma concomitante ao lado positivo da autonomização individual expressa no conceito de liberdade. Lembramos até aqui a contribuição de Simmel, porém, evidentemente, ele não se encontrou como observador solitário do florescimento do individualismo. O pensador, Karl Marx (1996), no texto *A assim chamada acumulação primitiva* apresenta, do ponto de vista do desenvolvimento histórico, as raízes do capitalismo, que, segundo ele, estariam ligadas às ações de rapina, espoliação e expropriação dos indivíduos do vínculo com suas terras, questionando a tese central do conceito de liberdade do liberalismo<sup>8</sup>. Nesse sentido, o autor destaca que a liberdade no capitalismo moderno se caracteriza por um duplo aspecto: os indivíduos estariam livres tanto dos meios de produção quanto desacoplados dos laços sociais no qual estavam inseridos na sociedade estamental. A liberdade, assim como a modernidade ambígua, revela um aspecto duplo de autogoverno individual e empobrecimento das relações sociais.

As mudanças abruptas manifestam-se no campo da vida cotidiana dos indivíduos. Se acompanharmos Simmel e Marx, o rompimento dos laços qualitativos de unidade do grupo leva ao paradigma da moderna sociedade capitalista. Como trabalhadores são postos no ritmo de força produtiva da máquina; como consumidores entram em outro ritmo, desta vez, o do consumo do transitório, sendo o compasso da “novidade” produzida pela moda à sinfonia do ser que produz e do ser que se subjetiva no consumo. Por essa via, a moda como um fenômeno sociopsicológico deve ser compreendida a partir do elemento estruturante do capitalismo moderno, tendo em vista que a modernidade que liberta o indivíduo e permite o cultivo de sua subjetivação, também, coloca-o, sob outro ponto de vista, condicionado à cadência da produção e do consumo.

---

<sup>8</sup> No texto supracitado, Marx dedica-se a apresentar uma leitura do desenvolvimento do capitalismo primitivo enfatizando o papel da expropriação e da violência para a acumulação inicial do capital. Apontando a ideia de liberdade moderna em sua expressão dual, Marx confronta diretamente o conceito liberal de Adam Smith de liberdade. Segundo Marx, do ponto de vista da história real, a expropriação de grupos humanos de seu vínculo com a terra teve como consequência direta a criação de massas humanas disponíveis para a venda de suas forças produtivas nas cidades industriais marcadamente presentes no início da industrialização moderna. O ponto de vista histórico levantado pelo autor é importante, sobretudo por enfatizar os aspectos contraditórios do conceito de liberdade, afastando uma noção puramente liberal de liberdade como gozo pleno de qualquer possibilidade. Assim como Simmel, Marx viu na concepção de liberdade algo muito mais complexo que envolve não apenas possibilidades, mas, de forma dissonante, impossibilidades dadas ao horizonte de expectativas dos indivíduos.

Há um aspecto na teoria simmeliana da modernidade que aponta para a arritmia entre a capacidade humana e a capacidade das máquinas, ajudando-nos, aqui, a entender isso como um exemplo para o condicionamento do comportamento humano à produção capitalista. No ensaio *A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva*, Simmel (2014) assinala a tensão entre os diferentes ritmos e o impacto no mundo do trabalho. A separação do indivíduo dos meios de produção, para além da questão da exploração, leva a uma tendência da autonomização da produção; nesse sentido, a especialização aguda, vista como atributo moderno, deixa como marca um maior encobrimento dos processos presentes no exercício do trabalho. Simmel congrega outra característica à autonomização da produção, a saber:

Até aqui a divisão do trabalho foi tratada como uma especialização das atividades pessoais. Mas a especialização não atua menos no sentido de colocar os objetos a uma tal distância dos sujeitos, que implique a autonomia do objeto e a incapacidade do sujeito de assimilá-lo a seu próprio ritmo. (SIMMEL, 2014, p. 58).

A tendência da intensificação do ritmo na produção desdobra-se, conseqüentemente, numa dilatação do ritmo no consumo, visto que, o produzido necessita ser consumido dentro de um curto prazo na economia capitalista. A moda incorpora a necessidade de produção e consumo, como Simmel (2014) destaca a partir da diferenciação de estilos e multiplicação de focos de diferenciação. A ideia é de uma verdadeira fragmentação da noção de estilo, alimentada e sustentada pela cultura do consumo. A pulsão por diferenciação social que parte do indivíduo, aliada à ideologia de classe que emana da sociedade estratificada, funde-se numa cultura moderna de consumo que, por sua vez, apropria-se do *Zeitgeist* moderno da celebração do individualismo para vivificar o motor da produção capitalista.

Assim, a convergência potencial entre a liberdade individual e uma espécie de apropriação de grupo tem, no caso do exame da moda na modernidade, o direcionamento para questões mais profundas relacionadas ao caráter totalizante do capitalismo moderno e o abalo da noção de liberdade, que sofre com a pressão compulsória pelo consumo dos mesmos artefatos de modas que fundamentam a confecção de uma assinatura individual no mundo. De forma dúplice, as contingências da vida prática mostram-se influenciadas por influxos particulares da própria situação de modernidade. Vimos aqui, alguns aspectos, de uma longa produção intelectual de Simmel que, entre diversas colaborações para a teoria sociológica, contribui especialmente para os estudos da diferenciação social na sociedade capitalista.



Em conclusão: considerando a fortuna crítica simmeliana, identifica-se sua contribuição sociológica para a compreensão do fenômeno da diferenciação social na modernidade. Sua herança intelectual caracteriza-se, justamente, por enriquecer através da análise teórica as descrições de questões sociológicas. Nesse sentido, o movimento da moda expressa um método simmeliano de entender, a partir deste ensaio, não apenas as causas coletivas do objeto da sociologia, mas, também, as disposições individuais das relações sociais. O nível individual e o nível social são abordados de modo simultâneo como polos que se complementam e se influenciam mutuamente. Todas as disputas materializadas na vertiginosa intensificação dos ritmos da moda na sociedade capitalista convencem-nos de que as disposições do vestuário são acessos fundamentais de repouso, momentâneo, da subjetivação, sendo, desta maneira, a moda um passaporte à satisfação e à socialização humana. Em contrapartida, este passaporte, não conduz o indivíduo ao gozo pleno da liberdade, visto que sua existência é condicionada pela socialização e as imposições históricas e econômicas de seu tempo.

### Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, C. 2010. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica editora.
- BOURDIEU, P. 2003. *Alta costura e Alta cultura*. In: BOURDIEU, P. 2003. *Questões de Sociologia*. Lisboa, Portugal: Fim de século.
- LIPOVETSKY, G. 2009. *O império do efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das letras.
- MARX, K. 1996. A assim chamada acumulação primitiva. In: MARX, K. 1996. *O capital: crítica da economia política*, vol. II. Os economistas. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- SIMMEL, G. 1905. *Philosophie der Mode*. *Moderne Zeitfragen*, Nr.11, Berlin, pp. 05-41.
- SIMMEL, G. 2011 [1903]. The metropolis and mental life. In: SIMMEL, G. 2011 [1903]. *On individuality and social forms*. Selected Writings. Chicago: The University of Chicago Press.
- SIMMEL, G. 2006. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- SIMMEL, G. 2004. *The Philosophy of Money*. Edited by David Frisby and translated by Tom Bottomore and David Frisby. Third Edition. London: Routledge Kegan & Paul.

- SIMMEL, G. 2006. O nível social e o nível individual (exemplo de sociologia geral). In: SIMMEL, G. 2006. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SIMMEL, G. 2014. O dinheiro e a cultura moderna. In: SOUZA, J; ÖELZE, B (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- SIMMEL, G. 2014. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: SOUZA, J; ÖELZE, B (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- SIMMEL, G. 2014. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, J; ÖELZE, B (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- SIMMEL, G. 2014. *Da psicologia da moda: um estudo sociológico*. In: SOUZA, J; ÖELZE, B (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- VANDENBERGHE, F. 2005. *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru, São Paulo: Edusc; Belém: EDUPFA.
- WAIZBORT, L. 2013. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34.